



# Tornar-se plantonista e psicanalista: a experiência de uma estudante de psicanálise no plantão psicológico da UEL

Maíra Bonafé Sei: Departamento de Psicologia e Psicanálise - Universidade Estadual de Londrina - UEL  
Acadêmica de Psicologia: Maria Lúcia Mantovanelli

O Plantão Psicológico é um serviço que possibilita a criação de um espaço de acolhimento da experiência do sujeito, no momento da crise, com o intuito de clarificar a demanda deste. A Clínica Psicológica da UEL oferta este serviço desde 2015 possibilitando o atendimento à comunidade

interna e externa. Por ser um projeto de extensão, o serviço proporciona aos plantonistas do quarto e quinto ano de Psicologia a experiência dessa modalidade de clínica.

O objetivo desse texto é narrar a experiência de uma estudante de psicanálise do quarto ano

dentro do Plantão Psicológico, o que resultou em considerações a respeito da psicanálise em outras instituições fora dos *settings* tradicionais; e a importância dessas experiências para que os currículos de Psicologia adotem práticas de clínica ampliada para a modalidade Plantão, sendo essa uma ênfase viável na psicanálise.

A Psicologia se organiza como um campo do saber cujas práticas se inserem em variados cenários, estabelecendo conexões com a saúde, educação, assistência social, direito, sendo concebida ora como uma Ciência Humana, ora como uma Ciência Biológica. No que se refere à Psicologia Clínica, nota-se um crescimento nos tipos de intervenções psicológicas ofertadas à população, que englobam desde a psicoterapia individual, até a psicoterapia de grupo, como: os grupos comunitários, o psicodiagnóstico interventivo, o atendimento a casais, a famílias, e também o Plantão Psicológico.

O Plantão Psicológico se configura como uma prática cuja implantação no Brasil data da década de 1960 (CAUTELLA JUNIOR, 2012), com prática clínica embasada na Psicologia Humanista. Apesar disso, percebe-se uma inserção ainda incipiente deste tipo de intervenção nos serviços de saúde e na formação em Psicologia. Mais escassos ainda são os trabalhos que discutem esta prática por meio de um referencial teórico diferente daquele adotado pelos seus precursores.

Tendo em vista este cenário, o presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões tecidas por uma discente envolvida na prática do Plantão Psicológico ofertado, por meio de um projeto de extensão, em um serviço-escola de Psicologia de uma universidade pública. As atividades desenvolvidas pautaram-se no referencial teórico da Psicanálise e almejou-se delinear o caminho percorrido pela estudante para o desenvolvimento do Plantão Psicológico e para o processo de se tornar plantonista e psicanalista.

## Reflexões de uma discente

Como aluna de graduação em Psicologia, posso testemunhar que temos visões bem limitadas das práticas clínicas em Psicologia, e digo clínica de uma forma estendida. Isso ocorre principalmente pelo caráter engessador da grade curricular. O que podemos fazer para expandir nossos horizontes são os projetos de ensino, pesquisa e principalmente de extensão, que é o caso do Plantão Psicológico. Tive sorte em ter encontrado docentes que pensassem na Psicologia em seu âmbito comunitário, e que me fizeram entender que a clínica pode ser estendida a contextos sociais, e que, principalmente, a psicanálise, uma das abordagens teóricas da Psicologia, pode chegar à periferia. Assim, vejo horizontes para uma ênfase da Psicologia mais da saúde do que da patologia. E não somente a Psicologia como um todo, mas creio que a clínica psicanalítica precisa se reinventar, permitindo um olhar clínico em lócus mais social.

Voltando à questão de como são pensados os cursos de Psicologia hoje no Brasil, entende-se que a dicotomia das abordagens teóricas - Psicanálise versus Behaviorismo - acarreta um apagamento de outras inúmeras abordagens. Como pontua Soares (2005, p. 592), ainda há uma “formação tradicional e dominante com predominância da Psicologia clínica, voltada quase que exclusivamente para a psicanálise e direcionada para as práticas clínico-terapêuticas”. O que não subsidia outros espaços para se pensar as diversas formas de exercer uma Psicologia com viés de Clínica Ampliada, como, por exemplo, o Plantão Psicológico.

Hoje a literatura que se tem sobre o Plantão é escassa e, em sua maioria, de abordagem humanista, o que faz com que seja um *déficit* duplo para o aluno. Na UEL, principalmente, pouco se fala de Psicologia Humanista, e pouco se falava de outras práticas sem ser divã e caixa de Skinner. Em decorrência desta realidade do curso de Psicologia da UEL, neste artigo conto como a prática no Plantão me fez pensar questões referentes ao novo tipo de clínica que estamos desenvolvendo nos

serviço-escolas de Psicologia e como a psicanálise tem se reinventado a partir da convocação das urgências pós-modernas.

O curso de Psicologia da UEL é bastante conhecido pela sua dominância na abordagem da Análise do Comportamento, o que dificulta um pouco aos aspirantes da Psicanálise. O meu currículo de ingressantes no ano de 2012 contempla, ainda, uma formação mais teórica e biológica que inclui: poucos estágios obrigatórios, séries com muitas disciplinas da área biológica, poucas abordagens teóricas vigentes, pouca ênfase em saúde mental e, por mais paradoxal que seja para uma instituição pública de ensino, não se estuda política pública.

Foi nesse cenário que ingressei na graduação achando que a psicanálise dotava-se somente de uma clínica ortodoxa, puramente freudiana - e um Freud ortodoxo, fases iniciais da psicanálise -, com restrições de metodologias e público-alvo. Mas, no decorrer do curso, mais especificamente no fim do terceiro ano e no quarto ano inteiro, deparei-me com projetos, docentes e vivências pessoais que me fizeram multiplicar os olhares possíveis que se pode ter através das lentes psicanalistas. A psicanálise institucionalizada se faz possível, então. E pude encontrar muita coisa da psicanálise enquanto atendimento em modalidade de plantão.

Creio que nesse tópico preciso voltar ao conceito de Clínica Ampliada, mencionado na introdução, mas não desenvolvido com a importância devida. Bezerra (2014, p. 130), ao pensar o lugar da clínica em Psicologia, nos lembra que clínica é, antes de mais nada, “a submissão do um outro que irrompe e se eleva à sua frente [...] é, assim, inclinar-se diante de, dispor-se a aprender-com [...]. A Clínica, deste modo, é um método [...]”.

Assim, a clínica psicanalítica se faz possível em uma instituição e, mais além, em um modelo de serviço de pronto-atendimento psicológico, pois em decorrência da plasticidade do plantão (BEZERRA, 2014) pude pensar a psicanálise como norteadora desta prática.

Concordo com Oliveira (2009, p.113) quando diz que é uma grosseria reduzir a clínica a “uma das tecnologias psicoterapêuticas metodologicamente estabelecidas”. Clínica, e falo também, e principalmente, da clínica psicanalítica é uma forma de enxergar o sujeito, é o olhar da clínica que perpassa na prática de plantão e nas atividades de um psicanalista em serviços de política pública em saúde mental, por exemplo. A psicanálise clínica foi muito julgada por ser uma Psicologia elitista e individualista, que desconsidera as demandas sociais, históricas e culturais (SOARES, 2005, p. 599). Todavia, ela se reinventa na medida em que as questões e demandas pós-modernas a convocam e a informam para além do *setting* clínico clássico. Foi atendendo no Plantão Psicológico que pude fazer parte dessa reinvenção da psicanálise, de uma “nova adequação do método clínico a diferentes contextos de ação” (BEZERRA, 2014, p. 133).

Diante deste cenário, a experiência no Plantão Psicológico foi de extrema importância para a minha formação em psicanálise. No plantão consegui ter uma perspectiva não apenas unilateral e curativa (SOARES, 2005), mas que ajudou a ampliar e promover uma mudança no perfil do estudante de psicanálise dentro da universidade - uma vez que somos, em média, entorno de 10 estudantes no projeto de extensão. Ao estudar e praticar o serviço de plantão aprendi a valorizar os conteúdos de saúde coletiva perpassados pelo viés da psicanálise, que quase não aparecem em minha grade curricular.

Introduzir a psicanálise no serviço de Plantão Psicológico - e digo introduzir, pois a literatura nos mostra que este terreno é habitado em sua grande maioria pela Psicologia Humanista - é reinventá-la. Não esperar teóricos, livros e manuais de conduta, e sim reinventá-la na prática cotidiana, no lidar com o inesperado que a prática do plantão promove (CHAVES & HENRIQUES, 2008). A prática da psicanálise não se dá apenas entre as quatro paredes do consultório, “não significa abandonar os fundamentos [...] e sim



Figura 1: Entrada da Clínica Psicológica da UEL | Fonte: Dados desta pesquisa.

é um exercício que promove uma ampliação e modificação em novas contextualizações sem que se perca a referência ao *ethos* psicanalítico” (SOARES, 2005, p. 595).

Uma das maiores ferramentas de minha prática psicanálise em plantão foi a escuta psicanalítica. O encontro entre plantonista e usuário do serviço permite o uso da técnica da escuta psicanalítica, na medida em que o plantonista esteja atento às manifestações do inconsciente na fala do usuário (BASTOS, 2009). Outra ferramenta psicanalítica que se faz uso no atendimento em plantão é a transferência, que muito possibilita a escuta psicanalítica.

O que se pode dizer do plantonista que tem a psicanálise como norteadora da sua prática é que esta pode respaldá-lo enquanto arcabouço teórico para auxiliá-lo em uma escuta interventiva, como modalidade de atendimento de encontro único como é o plantão. E digo escuta ativa uma vez que esta propicia o aparecimento de um novo sujeito, aquele que deseja e não é inteiramente percebido pelo plantonista. Deste modo, entendo que o uso da psicanálise no atendimento de plantão se faça possível e eficaz, principalmente, quando se fala do manejo adequado desta escuta ativa e da

transferência, pois, ambas, durante o encontro único com o usuário do serviço de Plantão Psicológico tem a potencialidade de fazer com que “os pacientes resgatem suas narrativas [...] tornando-se protagonistas de sua própria história” (MENDES; PARAVIDINI, 2007, p. 114), dando subsídio para o sujeito se impor no mundo do desejo.

Durante as minhas práticas de plantão, digo, os atendimentos, assim como as leituras bibliográficas e as supervisões, descobri que há uma premissa no atendimento em formato do Plantão: o plantonista deve fazer com que o sujeito, em meio ao atendimento, se questione e pense além da sua queixa. Pensar além do que os sintomas fazem com ele. O sujeito em “estado de Plantão” precisa saber, com a ajuda do plantonista, o que fazer com a sua queixa, o que fazer com o seu sintoma. Portanto, entendo que a premissa do sujeito em Plantão é mais do que saber o que os sintomas fazem com ele, mas o que ele pode fazer com os sintomas!

Cheguei a essa reflexão a partir de um caso que atendi no plantão. Inácio (nome fictício), 20 anos, chegou praticamente já chorando. Sua queixa era um desânimo muito forte, disse que estava com vontade de largar tudo, de voltar para a casa dos



Figura 2: Sala de espera da Clínica Psicológica da UEL | Fonte: Dados desta pesquisa.

pais. Ele falou que não estava se sentindo mais feliz com o curso, que é muito imaturo e tem medo de escolher as coisas na vida: “Eu espero as coisas virem até mim” (sic). Identifiquei também que a questão da ansiedade e de não conseguir tomar decisões também se faziam bem acentuadas.

Inácio chegou relatando todo o seu sofrimento, contando o que tudo aquilo fazia dele: “alguém desanimado, com vontade de voltar para a casa dos pais, preocupado com as notas, não conseguindo estudar, etc”. Mas, até aquele momento, Inácio não conseguia dizer o que ele faria com tudo aquilo. Juntos, então, fomos, aos poucos, conseguindo trilhar um caminho para responder: “o que eu faço com isso tudo?”. E conseguimos.

Na semana seguinte ele voltou, com outra plantonista, e contou como agiu perante seu sofrimento. Ele ainda sofre, claro, mas agora implica-se nesse sofrimento. Conseguimos estancar uma questão, sua demanda emergencial foi saciada, digamos assim, mas agora Inácio seria um candidato para o atendimento psicológico. No plantão ele entendeu aquilo que lhe afligia, e agora, em terapia, precisa falar sobre o que lhe aflige. Assim, configura-se o plantão como uma das portas de entrada do serviço psicológico oferecido na instituição (TASSINARI et. al., 2005).

A partir dessa visão, a qual o plantonista se vê na posição de ajudar o sujeito a construir respostas para “o que eu faço com isso” além do “o que isso faz comigo”, ele se posiciona e fala ao sujeito o que ele já sabe em algum nível, ou melhor, o que ele potencialmente pode saber em decorrência daquele encontro. Por exemplo, nos atendimentos que fiz, sentia-me convocada pelo sujeito em plantão para algum tipo de acolhimento que soava da seguinte forma: “Olha, eu sei que eu preciso atravessar a rua, mas sozinho está complicado, você pode me dar a mão?”

Cautella Júnior (2012) faz uma análise semelhante sobre esse tipo de encontro, plantonista e sujeito em plantão, quando escreve que o lugar que o sujeito nos coloca é muito semelhante ao cenário infantil:

Guardando as devidas proporções, é inevitável fazer referências às experiências precoces infantis. A criança, quando se vê lançada no mundo e não podendo contar com seus próprios recursos, pois estes ainda não estão suficientemente desenvolvidos, busca o olhar acolhedor do adulto. Sabendo-se assistida na tarefa que a desafia, consegue destinar-se ao desconhecido de maneira mais segura. O adulto, geralmente, nada faz nesta situação, apenas dá um aval para que a criança se aproprie daquilo que já tem e possa



Figura 3: Espaço para o atendimento no Plantão Psicológico da UEL | Fonte: Dados desta pesquisa.

desenvolver-se neste novo contexto, sabendo que, se necessário, pode contar com a assistência (CAUTELLA JUNIOR, 2012, p.81).

A partir dessa cena que os atendimentos me despertaram, me pergunto: se a demanda é um acolhimento desse naipe, por que não acolher? Lembro que o nosso grupo de plantonista, no começo da nossa prática, na qual não sabíamos muito bem o que fazíamos e como fazíamos, procuramos estar inteirados das inúmeras possibilidades da rede de ajuda mútua, tanto internas quanto externas. No começo, estávamos tão preocupados em relação ao fim do atendimento que esquecíamos de alguns procedimentos, não nos dávamos conta de que aquele sujeito pedia um outro tipo de acolhimento, era quase um ensaio da cena da criança que ouve uma bronca. Ela sabe que fez algo errado e não fez as melhores escolhas, mas precisa que alguém lhe diga que aquela estrada, talvez, seja mais difícil de caminhar, embora ela já soubesse precisava de alguém para reforçar.

Chego a essa reflexão a partir de um casal que atendi no plantão. Na modalidade de plantão que fazemos não se faz atendimento não individual, todavia, este foi realizado com o casal (não queriam ser atendidos separados). A queixa do casal era que fazia dois anos que a filha morava com eles, também tinha o “namorado” e a filhinha de dois anos, a situação familiar estava insustentável, pois a filha e o genro brigavam muito. Lúcia me disse que tinha vindo pedir orientação sobre o que fazer, pois ela e o marido estavam cansados, mas também não podiam mandar a filha e a neta embora, pois eles não tinham onde morar e também ela não achava justo sair da casa que sempre morou. Foi então que me dei conta a posição em que eu estava. Ficou claro que os dois sabiam que tinham uma responsabilidade naquilo que os afligia, e ficou claro que eles queriam escutar de mim algo que eles já sabiam, queriam apenas que alguém legitimasse a eles a atitude que deveriam tomar.

Chegamos juntos à conclusão de que era preciso que todos os envolvidos sentassem para um diálogo e que pudessem tentar encontrar soluções para evitar desgastes maiores. A conversa deveria ser pautada em uma imposição de limites dos pais para com a filha, o que me pareceu ser a coisa mais difícil e necessária, o casal sabia que deveria fazer, mas veio atrás de uma “mão para atravessar a rua”.

Considero que, naquela oportunidade, vivi um plantão que pedia uma castração saudável e necessária. Talvez o termo “castração” não seja o melhor para ser usado, pois ele já está denotado de outros sentidos dentro da psicanálise, mas a ideia que quero contemplar é que os atendimentos no plantão puderam me mostrar que hoje em dia parece que sabemos os melhores caminhos para as nossas vidas, mas temos medo de escolhê-los e depositamos em um sujeito (seja esse o analista, seja esse o pastor, etc) a opção de “escolherem por mim”. Há de se ter muito cuidado com isso. Várias vezes o plantão me seduzia para que me identificasse com uma posição que “escolhe” o caminho do sujeito, que

“conserta” e “arruma” o problema do sujeito, com uma posição de saber-poder. Todavia, o que o Plantão ensina é exatamente ao contrário dessa visão vertical, diagnóstica e médica-mecanicista: o Plantão ensina que benefícios terapêuticos só o serão se for um trabalho mútuo. Por isso insisto que talvez a melhor posição que o plantonista deva ter é a de anteparo, o qual permite apenas um eco do material do sujeito.

A experiência acadêmica e pessoal que o Plantão Psicológico da UEL proporcionou-me resultou em algumas considerações, tais como, o modelo de ensino em Psicologia, e em Psicanálise, principalmente, precisa ser reavaliado. Precisamos começar a se desvencilhar do modelo clínico formal e ortodoxo e pensar em um movimento de rede, de clínica ampliada, tornando, assim, a Psicologia e a Psicanálise mais acessíveis às formas de trabalho nas instituições.

O atendimento psicológico em forma de plantão me proporcionou um tipo de clínica que constrói alternativas para o além do que a sintomática faz, entrando na via do que aquele sujeito precisa

fazer com a sua queixa. O plantão se mostrou um tipo de acolhimento que desconstrói a posição vertical entre terapeuta e paciente e constrói uma horizontalidade, um caminhar junto e não o terapeuta indo na frente e guiando o sujeito. Deste modo, considero que a melhor posição que o plantonista deva ter é a de anteparo, o qual permite apenas um eco do material do sujeito.

A psicanálise na instituição se faz possível, principalmente, se pensarmos na clínica ampliada, a qual possibilita a escuta psicanalítica e a transferência, ferramentas que caracterizam a psicanálise. A atualização da psicanálise a esses novos contextos exige ações no campo da pesquisa, ensino e extensão, uma vez que se percebe a escassa produção literária a respeito da modalidade de Plantão Psicológico em outras abordagens além da humanista. Assim, precisamos fomentar a escrita e a produção de conhecimento sobre o que a psicanálise pode fazer em plantão. Essas experiências devem ser advindas da prática clínica no âmbito da extensão universitária, o que será muito oportuno para o crescimento da psicanálise e para o serviço de Plantão Psicológico. ◀

## Referências

- BASTOS, A. B. I. A escuta psicanalítica e a educação. In: **Psicólogo InFormação**, v. 13, n. 13, 2009.
- BEZERRA, E. N. Plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar: limites e possibilidades. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 129-143, 2014.
- CAUTELLA JUNIOR, W. **Do inominável à produção de sentido**: O plantão psicológico em hospital geral como utensílio para a metaforização da crise pelo trágico. Doutorado em psicologia. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, 2012.
- CHAVES, P. B.; HENRIQUES, W. M. Plantão psicológico: De frente com o inesperado. In: **Psicologia Argumento**, v. 26, n. 53, p. 151-157, 2008.
- MENDES, E. D.; PARAVIDINI, J. L. L. Os significantes da escuta psicanalítica na clínica contemporânea. In: **Psychê**, v. 11, n. 20, p. 99-116, 2007.
- OLIVEIRA, M. V. A ação clínica e os espaços institucionais das políticas públicas: desafios éticos e técnicos. In: **Ano da Psicoterapia: textos geradores**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009.
- SOARES, T. C. “A vida é mais forte do que as teorias” o psicólogo nos serviços de atenção primária à saúde. In: **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, n. 4, p. 590-601, 2005.
- TASSINARI et. al. O Plantão Psicológico como porta de entrada do Serviço de Psicologia Aplicada: desenvolvimento dos estagiários, a partir da versão de sentido. In: **VI Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa**, 2005, Canela - RS.